

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM HABILITAÇÃO EM**  
**ARTES E MÚSICA**

**FERNANDA GONÇALVES DOS SANTOS**

**MEMÓRIAS DE UM “RAPAZOLA” ÀS MARGENS DO**  
**ARAGUAIA: AS MARCAS DA GUERRILHA DO ARAGUAIA NA**  
**VIDA DE UM SOBREVIVENTE**

Tocantinópolis (TO)  
2020

FERNANDA GONÇALVES DOS SANTOS

MEMÓRIAS DE UM “RAPAZOLA” ÀS MARGENS DO  
ARAGUAIA: AS MARCAS DA GUERRILHA DO ARAGUAIA NA  
VIDA DE UM SOBREVIVENTE

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, *Campus* Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, sob a orientação do Prof. Dr. Ubiratan Francisco Oliveira.

Tocantinópolis (TO)

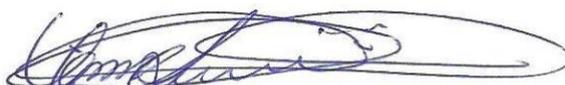
2020

FERNANDA GONÇALVES DOS SANTOS

TCC apresentado ao curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins como requisito para o título de licenciatura em Educação do Campo.

Data de Aprovação: 18/12/2020

Banca Examinadora:



---

Prof. Dr. Ubiratan Francisco Oliveira/UFT, Tocantinópolis, Orientador.



---

Profa. Drª Rejane Cleide Madeiros de Almeida/UFT/ Tocantinópolis, Avaliadora.



---

Prof. Dr. Marciel Cover/UFT/ Tocantinópolis, Avaliador.

Tocantinópolis

2020

Dedico a minha família Gonçalves dos Santos, meus amigos, professores e orientador, que me incentivaram a continuar, mesmo com todos os obstáculos no caminho.

## Agradecimentos

Gratidão por aqueles sempre estiveram ao meu lado durante esse percurso como minhas colegas Francilene Lopes, Rayane Bandeira, Luciana Alves.

Agradeço meu Orientador Professor Doutor Ubiratan Francisco de Oliveira, que aceitou caminhar comigo durante essa pesquisa.

Obrigada minha Mãe Nelma Maria Gonçalves e meu esposo Gonçalo Martins e minha prima Éven Bandeira Gonçalves que me incentivaram muito a Concluir meu trabalho.

Aos Professores da Banca: Professora Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida e Prof. Dr. Maciel Cover por aceitarem nosso convite e contribuir com este processo de aprendizado final de curso.

Aos professores e professoras do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Artes e Música, da UFNT – Campus Tocantinópolis.

## Resumo

tema: Memórias de um “Rapazola” às margens do Araguaia: As marcas da Guerrilha do Araguaia na vida de um sobrevivente.

A presente pesquisa trata de expor fatos relacionados a Guerrilha do Araguaia durante o contexto de Ditadura civil Militar Brasileiro, como personagens a escolha de campo como cenário e mostrando fatos relacionados a guerrilha em torno do município de Tocantinópolis -Goiás atualmente estado do Tocantins, contudo conhecer a história de vida de um sobrevivente que foi prisioneiro, torturado durante o período da Guerrilha do Araguaia e infelizmente perderia seu pai. Esta pesquisa de caráter bibliográfica, com base também em documentários e entrevista de livre dialogo com sobrevivente senhor A. Macedo. A importância desta Trabalho que futuramente venha colaborar com muitas pesquisas sobre a historicidade de fatos importantes que ocorreram no Município de Tocantinópolis-Tocantins em que mesmo grande parcela da população desconhece e a importância de abordarem a temática nos currículos escolares.

Palavras chaves: Guerrilha do Araguaia, Ditadura Militar, História de vida.

## ABSTACT

Theme: Memories of a “boy” on the banks of the Araguaia: The marks of the Araguaia Guerrilla on the life of a survivor.

This research is about exposing facts related to the Araguaia Guerrilla during the context of the Brazilian Civil Military Dictatorship, as characters the field choice as scenery and showing facts related to the Araguaia Guerrilla around the municipality of Tocantinópolis-Goiás currently state only Tocantins, however know the life history of a Survivor who the life history of survivor who was imprisoned and tortured during the period of the Araguaia Guerrilla and unfortunately would lose his father. This research is of bibliographic nature, based also on documentary and a free dialogue interview with the future will collaborate with many researches on the historicity of important facts that occurred in the municipality of Tocantinópolis-Tocantins where even a great part of the population is not aware of it and the importance of approaching the fear in the school curricula.

Keywords: Araguaia Guerrilla, Military Dictatorship, Life History.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. A GUERRILHA DO ARAGUAIA.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Guerrilha do Araguaia: ideia de Campo como cenário .....</b>	<b>14</b>
2.2 Guerrilha do Araguaia e seus personagens.....	16
<b>3. A DITADURA NO CAMINHO DE UM JOVEM VIAJANTE: A HISTÓRIA VIVA DE A. MACEDO .....</b>	<b>30</b>
3.1 Prisão de A. Macedo.....	35
<b>4. Considerações Finais .....</b>	<b>38</b>
<b>Referencias .....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Ditadura Militar, ocorrida no Brasil após o Golpe de 1964 até o ano de 1985, foi o pesadelo para aqueles que acreditavam num país democrático e que vinha passando pelas reformas de base (agrária, urbana, trabalhista e educacional) iniciadas pelo Governo João Goulart foram consideradas importantes para a classe trabalhadora do campo e da cidade. Nos 21 anos do período de violência, seja ela, psicológica ou física, o país fugiu totalmente da democracia, privando os brasileiros de qualquer forma de se expressarem contra o governo autoritário que respondia às críticas e manifestações de seus opositores com atos violentos. Segundo Kappes (2017, a ditadura militar foi constituída por “Os anos de repressão, privações de liberdades, assassinatos, desaparecimentos e tantos outros fatos, revelam a predominância do terrorismo de Estado que ficaram evidentes na história do Brasil.” (KAPPES, 2017.p.19).

Esta pesquisa busca mostrar as duras marcas na memória decorrente do período da ditadura militar no país e, para tanto, vamos utilizar o estudo de caso da Guerrilha do Araguaia que ocorreu entre sudeste do Pará, sudoeste do Maranhão e extremo norte do Estado de Goiás, atual Estado do Tocantins, na região conhecida como Bico do Papagaio e seu entorno.

O histórico de lutas e resistência dos povos do campo no Bico do Papagaio está repleto de cenas de dores, alegrias, derrotas e conquistas. Em pesquisa de campo realizada na região do extremo norte do Tocantins, pudemos perceber as marcas silenciosas (e silenciadas) da luta por terra, território, democracia e liberdade travadas a partir da metade do século XX. Enfim, luta por uma sociedade mais justa com terra, trabalho digno e renda. (OLIVEIRA, 2020, p. 109)

O objetivo é compreender como a Guerrilha do Araguaia impactou na vida dos moradores de Tocantinópolis no período da Ditadura Militar. Para Campos Filho (2013) a Guerrilha do Araguaia tem voltado à mídia devido aos trabalhos da Comissão da Verdade e à Condenação do Brasil na Corte Interamericana de Direitos Humanos da Organização do Estados Americanos (OEA), mas ainda é tem muito a se falar sobre os impactos do conflito da Guerrilha do Araguaia na região em que ocorreu.

Contudo, apesar de muito se falar ultimamente sobre o conflito Guerrilha do Araguaia, amplificado na última década em razão de decisões judiciais, e, também como decorrência da condenação do Brasil na Corte Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), pouco se estudou sobre as consequências que ele deixou por toda a região em que ele aconteceu. (CAMPOS FILHOS, 2013, p. 14)

Em sua outra obra sobre a Guerrilha, Campos Filho (2012) diz da importância de se seguir a pesquisar sobre a guerrilha para os moradores que viveram a violência do Estado sobre suas famílias.

Contar a história da Guerrilha chega a ser, atualmente, um alívio para aqueles que viveram num fogo cruzado e sofreram consequências bárbaras, sobretudo pela atuação das forças repressoras. É, principalmente, pelas vozes dos camponeses que algum dia conseguiremos completar o registro para história da Guerrilha do Araguaia. (CAMPOS FILHO, 2012, p. 192)

Apesar das colocações de Campos Filho sobre a importância que tem, para algumas pessoas, compartilhar as histórias de vida na Guerrilha do Araguaia, isso não é nada fácil e o que mais se vê é o silêncio causado pelo medo e pelos traumas. Para Rosenthal (2017) a história de vida narrada ganha muitos sentidos no processo entre o período marcante e a atualidade e há casos que o narrador busca reconstruir sua história negando ou acrescentando algo que lhe dê maior conforto e menos dor.

Nosso entrevistado se mostrou atencioso e interessado em contar o que se passou com ele e outras vítimas da Ditadura e da Guerrilha do Araguaia, em especial. No entanto, não podemos abandonar as possibilidades de “rearranjos” diante dos momentos que lhe trazem dor.

Buscamos realizar uma pesquisa com base no referencial teórico existente sobre a Guerrilha do Araguaia na região do Bico do Papagaio e acessar os arquivos da Comissão da Verdade produzidos em 2014 sob o suporte político e técnico do Ministério da Justiça e assim, buscar relacionar os fatos com as narrativas do nosso sujeito histórico que viveu a prisão e a tortura durante a Ditadura Militar para compreender como isto se fez presente em Tocantinópolis com base em seu estudo de caso.

Buscamos aprofundar um pouco mais a pesquisa biográfica e bibliográfica sobre os principais nomes que são ouvidos pela população e pelo entrevistado sobre a Guerrilha do Araguaia. Desta forma buscamos apresentar uma geral sobre os guerrilheiros e com maiores detalhes sobre Dinalva (Dina) e Oswaldo (Osvaldão) com grandes referências ainda presentes nas memórias vivas daqueles e daquelas que os conheceram.

Metodologicamente a pesquisa foi realizada agregando observações de documentários, pesquisas bibliográficas e utilização de entrevista espontânea de livre diálogo com entrevistado.



## 2. A GUERRILHA DO ARAGUAIA

No processo ditatorial Brasileiro em que de fato muitos que viveram durante esse período, guarda consigo árduas memórias e marcas em que refletem o drástico e duro processo civil militar que atingiu a democracia Brasileira, infelizmente tem aqueles que temem expor fatos que foram vivenciados por eles e por elas, durante este período, por acreditarem em perseguições.

Em 1964, quando e oficialmente instaurada a ditadura militar no Brasil, o momento e caracterizado por forte repressão aos movimentos sociais e a exclusão da participação política, de modo que para estabelecer tal aparato repressivo as eleições para presidente foram realizadas de maneira indireta e implementou-se a dissolução dos partidos políticos. (PETTA, 2017.pag12).

Em 1964 com autoritarismo presidencial no qual tira direitos do povo e sendo assim tornando o grande conflito político entre Estado e sociedade, o primeiro usando da força para calar a população que foi reprimida por vários anos. Tudo aquilo ou aquele que fosse contra o Governo sofria as consequências tais como perseguições e torturas Políticos opositores, artistas e jornalistas e para fugirem das perseguições eram obrigados viver na clandestinidade.

Reprimidos e atarantados pelo golpe, a que não opuseram resistência imediata, os apoiadores do regime deposto e seus críticos de esquerda tentaram articular uma oposição á ditadura ao longo de 1964 e 1965, que combinavam aspectos legais e clandestinos, a partir do Brasil e do exilo. (RIDENTI, 2014, p. 3).

E na clandestinidade que muitos procuravam se esquivar das duras perseguições, muitos viveram com nomes falsos, mudam de profissões para mascarar suas verdadeiras identidades, vivendo na clandestinidade. Há também aqueles que não temiam a força militar e eram objetivados a lutar por uma democracia justa a todos e socorrer aqueles que vivem em total abandono e voltar o olhar para os camponeses e que viviam sem assistências.

Esse entre outros motivos que levou os jovens do PCdoB Partido Comunista do Brasileiro ao ponta pé inicial para entrar em confronto com os ditames do Estado Militar e que despertou o interesse de muitos jovens sobre a formação de uma guerrilha em que consistiu em um pequeno grupo de pessoas que utilizavam técnicas em que os exércitos regulares não tinham. A guerrilha conhece esporadicamente o

terreno em si e tendem a ter um sentimento patriota, criam esses movimentos para saírem de determinados situações de opressão etc.

A esquerda brasileira, oposição ao regime militar, se dividia e não sabia ao certo caminho seguir. Para alguns grupos políticos era preciso um intenso trabalho de conscientização e organização política da população para, pacificamente, derrotar o Governo militar. Já para os outros partidos e grupos, a situação vivida no Brasil, à época, parecia confirmar que as transformações políticas só seriam possíveis por meio de luta armada. (PETTA, 2017, pag12).

Os personagens dessa história, ligados ao PC do B (Partido Comunista do Brasil), decidiram partir para guerra popular como estratégia de resistência no qual o gatilho principal do início da mesma se deu por conta da Ditadura Militar que os jogaram na clandestinidade no meio do sertão brasileiro. O partido Comunista Brasileiro precisava de uma resposta em que fosse capaz de levar o sonho de concretizar em ver o País liberto dos ditames do regime militar, em um contexto enfraquecido pelas lutas urbanas no qual o levaram a essa atitude de ir para a luta no campo.

À medida que as perseguições políticas se acirravam na cidade, o PCdoB, influenciado pela Revolução Chinesa, que tinha como lema "conquista da cidade pelo campo" entre os anos de 1966 a 1970, cerca de 70 militantes, em sua maioria jovens, para região do Rio Araguaia, O objetivo consistia em conquistar a população local para a consciência socialista e depois expandir para o resto do Brasil até a derrubada dos militares. (PETTA, 2017, pag12).

Então, nesse contexto que se encontrava o Brasil, houve várias tentativas de derrubar a Ditadura Militar e uma dessas foi denominada como Guerrilha do Araguaia que ocorreu, especificamente, entre terras do sudoeste do Maranhão, sudeste do Pará e Bico do Papagaio (norte do Tocantins) em que foi constituída por início no ano de 1966 em que pessoas do Partido Comunista do Brasil se deslocavam para essas regiões a fim de iniciar uma guerrilha rural e outras se deslocavam para essas regiões pelo período difícil que se passava nas outras regiões nos anos 60.

A Guerrilha do Araguaia foi um episódio importante na História das Guerrilhas Brasileiras e consistiu entre o combate entre guerrilheiros comunistas, em sua maioria jovens que saíram de outras regiões para a região do Araguaia, muitos já vido de perseguições e outras prisões por participarem do movimento estudantil ou sindical, e as forças armadas Brasileiras.

Na quadro difícil por que passa a vida nacional, depois do golpe de abril de 1964, inúmeras pessoas de grandes centros urbanos procuram se transferir para o interior. Fazem-no por motivos distintos. Umas, devido a perseguições políticas; outras, ansiosas de mudar gênero de suas atividades; algumas tentando empreendimento lucrativos; muitas por pioneirismo, brasileiro e espírito revolucionário, Precisamente Sul do Pará, em tal ocasião, atraía multidões de forasteiros. Era uma frente em expansão, procurada por camponeses sem terra e por gente que se dedica ao extrativismo e ao comércio, notadamente maranhenses, piauienses, cearenses, goianos, capixabas e mineiros. (MOURA. 1985.p18)

A utilização dessa região, pois era um local pouco conhecido e explorada pelo exército e pouco habitada e isolada por parte do Governo. A ideia dos guerrilheiros era chegar no local e gradativamente ganhar a confiança dos moradores locais, ministravam cursos para os moradores e aulas para ensino fundamental de crianças e jovens e adultos, pois a maioria dos guerrilheiros eram universitários, trocavam alimentos por remédios, faziam a atendimento médico e odontológico e realizam partos. A desconfiança sobre aqueles novos habitantes principalmente pelas características físicas dos mesmos, fizeram com que os moradores apelidassem os recém chegados de “os Paulistas.”

## **2.1 Guerrilha do Araguaia: ideia de Campo como cenário**

Ao falar sobre seus trabalhos de campo desenvolvidos durante sua pesquisa no Bico do Papagaio, Oliveira (2020) relata as sobre as histórias que ouviu da Guerrilha do Araguaia e como suas marcas estão presentes na paisagem e na memória de suas gentes.

Basta um olhar sobre determinadas paisagens que logo vem na mente das pessoas uma história para contar sobre as lutas travadas na região: perseguições, ameaças, expulsões da terra, torturas, estupros e mortes. Mas também histórias de lutas que deixaram legado: conquista da terra, união de classe, assentamentos da reforma agrária, reservas indígenas e movimento social e sindical atuante na organização e na formação dos camponeses e camponesas. O medo ainda paira sobre a região do Bico do Papagaio e o silêncio provocado por ele gera desconfiança e tensões entre pesquisadores e população local. [...] Geralmente, aceitam “bater um dedo de prosa” tomando um café ou comendo um açaí cremoso, puro e fresco com farinha, retirado ali mesmo de seus quintais. Nessas conversas sempre aparecem as histórias sobre a “Turma dos Paulistas” (OLIVEIRA, 2020, p. 110).



compravam novamente, estabelecendo vínculo com os moradores. Havia trocas também e o que os moradores produzem, os pequenos lavradores tiram do seu plantio, o seu próprio sustento o excedente é comercializado ou trocado. Essa situação colocava a região em estado de isolamento.

Existem outros fatores que impulsionaram os militantes do PCdoB na escolha dessa região. Um deles está relacionado à própria condição de isolamento da área na década de 1960. Esse isolamento pode ser explicado pelas dificuldades de comunicação com o restante do país e a precariedade de transportes. Era, portanto, uma região que formava "outro Brasil", pouco conhecido nas regiões Centro-Sul. Era um local carente, onde a população sobrevivia sem nenhuma assistência de governo. A carência dos moradores se explica pela falta de escolas, de postos de saúde, de habilitações adequadas, de saneamento básico e até mesmo de alimentação. (PETTA, 2017.p. 35).

O modo de vida ainda era tradicional e tudo era à base do facão que se usava para várias tarefas como: um auxiliar para construção de casa, picar fumo, tira berne, bichos de pé e até nas festas da localidade o dançava com o facão na cintura se não ao contrario ele era o homem desprovido e a fome também e uma situação de extrema de desespero, as crianças mal tem oportunidade de irem a Escola por esse motivo há muitos analfabetos, e com o descaso da saúde pública havia epidemias de doenças por ali como malária, leishmaniose, vermes e frieiras são doenças comuns encontradas nessa região e campanha de erradicação dessas doenças só havia no papel pois na pratica não existia e a população não havia condições de adquirir remédios para tratar das doenças.

## **2.2 Guerrilha do Araguaia e seus personagens**

No PCdoB, a situação de alerta quanto ao início de um conflito armado aumentava cada vez que a vontade de montar uma guerrilha por parte de e seus companheiros crescia e o Araguaia foi escolhido por ser uma região bastante isolada e marcada por conflitos de terra. A responsabilidade pela instalação da mesma ficou por parte dos membros do Partido Comunista do Brasil (PC do B), formada em 1962 na qual foram influenciados pela revolução Cubana e Chinesa e pela estratégia revolucionária maiorista. O sonho de estabelecer a guerrilha rural foi uma preocupação frequente nas organizações de resistência, foi o único que conseguiu de fato instaurar a guerrilha rural foi o PCdoB (Partido Comunista do Brasil), que mandou

os primeiros militantes até o Araguaia e começou implantar algumas ações de reconhecimento. Trombas que ocorreu alguns anos antes e teve a participação do PCB (Partido Comunista Brasileiro) foi organizada inicialmente pelos próprios camponeses tendo como líder José Porfírio e outros camponeses.

Neste contexto, ainda está viva na memória das pessoas do Bico do Papagaio, a Guerrilha do Araguaia organizada por militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) entre 1966 e 1974. Guerrilha das figuras marcantes como Osvaldão, Dina, Walkíria, Dr. João Carlos (Juca), Elza Monerat (Dona Maria), Maurício Grabóis, Adré Grabóis (Zé Carlos), Suely Yomiko (Japonesinha), os irmãos Petit (Maria Lúcia, Jaime e Lúcio), Ari, entre outros e outras que lutaram contra a Ditadura Militar na tentativa de organizar a resistência por meio das comunidades rurais na região do Araguaia. (OLIVEIRA, 2020, p. 110).

Constituída por maioria de jovens estudantes e profissionais graduados, a Comissão da Verdade reconheceu em seus documentos a existência de 69 guerrilheiros que estiveram presentes diretamente nos combates, sendo alguns camponeses que haviam aderidos à Guerrilha e militância. 67 são tidos como desaparecidos/mortos e dois sobreviventes. No entanto, vários relatos presentes nos arquivos da Comissão da Verdade (2014) dão conta de mais participantes e vítimas deste conflito.

Tabela de nomes dos Guerrilheiros do Araguaia:

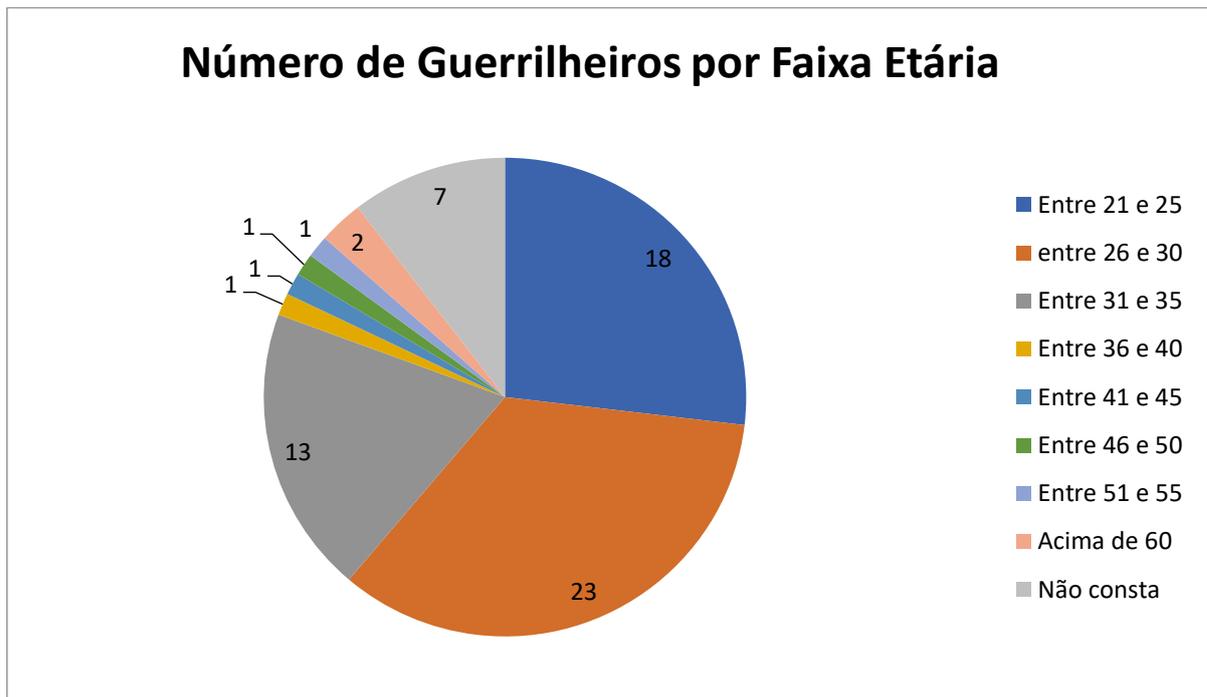
<b>Nome</b>	<b>Nascimento</b>	<b>Profissão</b>	<b>Desaparecimento/Morte</b>
Bergson Gurjão Farias	17/05/1947	Estudante de Química	08/05/1972
Lourival Moura Paulinho	1917	Trabalhador Rural	21/05/1972
Kleber Lemos da Silva	21/05/1942	Economista	29/06/1972
Juarez Rodrigues Coelho	Não consta	Trabalhador Rural	14/08/1972
Sabino Alves Da Silva	Não consta	Trabalhador Rural	17/08/1972
José Toledo De Oliveira	17/07/1941	Advogado e Bancário	20/09/1972
Miguel Pereira Dos Santos	12/07/1943	Bancário	20/09/1972
Francisco Manoel Chaves	Não consta	Marinheiro	21/09/1972
Antonio Carlos Monteiro Teixeira	22/08/1944	Geólogo	20/09/1972
Helenira Resende de Sousa Nazareth	11/01/1944	Estudante de Letras	28/09/1972 28
Manoel José Nurchis	19/12/1940	Operário	Setembro 1972
Ciro Flávio Salazar de Oliveira	26/12/1943	Estudante de Arquitetura	30/09/1972
Antonio Guilherme Ribeiro Ribas	20/09/1946	Estudante e Bancário	20/02/1973
Rosalindo Sousa	02/01/1940	Advogado	16/08/1973
Rodolfo de Carvalho Troiano	02/04/1949	Estudante secundarista	12/01/1974
Andre Grabhois	03/07/1946	Estudante Secundarista	13/10/1973
Antonio Alfredo de Lima	1938	Trabalhador Rural	13/10/1973
Divino Ferreira de Souza	12/09/1942	Comerciante	13/10/1973

João Gualberto Calatrone	07/01/1952	Técnico de Contabilidade	13/10/1973
Lucia Maria De Souza	22/06/1944	Estudante de Medicina	24/10/1973
Arildo Valadão	28/12/1948	Estudante de Física	24/11/1973
Jaime Petit Da Silva	18/06/1945	Professor	28/11/1973
Adriano Fonseca Filho	18/12/1945	Estudante de Filosofia e Artista	28/11/1973
Lucio Petit Da Silva	1/12/1943	Engenheiro Eletrotécnico	29/11/1973
Marcos José de Lima	03/11/1947	Ferreiro	12/1973
Tobias Ferreira Junior	26/11/1949	Estudante de Medicina	17/12/1973
José Lima Piauhy Dourado	24/03/1946	Fotografo /Cinegrafista	24/12/1973
Elmo Correa	16/04/1946	Estudante de Medicina	25/12/1973
Paulo Mendes Rodrigues	25/09/1931	Economista	25/12/1973
Gilberto Olimpio Maria	11/03/1942	Jornalista	25/12/1973
Guilherme Gomes Lund	11/07/1947	Estudante de Arquitetura	25/12/1973
Paulo Roberto Pereira Marques	14/05/1949	Bancário	12/1973
Liberio Giancarlo Castiglia	04/07/1944	Operário Metalúrgico	25/12/1973
Luiz Vieira	Não Consta	Camponês	12/1973
Joaquinzão	Não Consta	Camponês	1973
Hélio Luiz Navarro De Magalhaes	23/11/1949	Estudante de Química	01/03/1974
Antonio De Pádua Costa	12/06/1943	Estudante de Astronomia/Física	14/01/1974
Luiz Rene Silveira e Silva	15/07/1951	Estudante de Medicina	19/01/1974
Custodio Saraiva Neto	05/04/1952	Estudante Secundarista	15/02/1974
Demerval Da Silva Pereira	16/01/1945	Advogado	28/03/1974
Telma Regina Cordeiro Correa	23/07/1947	Estudante de Geografia	07/09/1974
Jana Moroni Barroso	10/06/1948	Estudante de Biologia	02/01/1974
Maria Celia Correa	30/04/1945	Bancaria/ Estudante de Ciências Sociais	02/01/1974
Nelson Lima Piauhy Dourado	03/05/1941	Funcionário Público/Petroleiro	02/01/1974
Antônio Teodoro de Castro	12/04/1945	Estudante de Farmácia	25/12/1973
José Huberto Bronca	08/09/1934	Operário	25/12/1973
Luísa Augusta Garlippe	16/10/1941	Enfermeira	25/12/1973
Mauricio Grabois	02/10/1912	Não consta	25/12/1973
Orlando Momento	10/10/1933	Operário	25/12/1973
Suely Yumiko Kanayama	25/05/1948	Estudante de Língua Portuguesa	Setembro de 1974
Dinaelza Santana Coqueiro	22/03/1949	Geografa	28/12/1973
Pedro "CARRETEL"	Não Consta	Trabalhador Rural	02/01/1974
Vandick Reidner Pereira Coqueiro	09/12/1949	Professor	17/01/1974
Oswaldo Orlando Da Costa	27/04/1938	Engenheiro de Minas	07/02/1974
Cilon Cunha Brum	03/2/1943	Estudante de Economia	27/02/1974
Pedro Alexandrino Oliveira Filho	19/03/1947	Bancario	10/01/1974
Uirassu De Assis Batista	05/04/1952	Estudante Secundarista	Abril de 1974
Aurea Eliza Pereira	06/04/1950	Estudante de Física	13/06/1974
Daniel Ribeiro Calado	16/10/1940	Metalúrgico	28/06/1974
Dinalva Conceição Oliveira Teixeira	16/05/1945	Geóloga	25/12/1973
Walkíria Afonso Costa	02/08/1947	Professora	25/10/1974
José Mauricio Patricio Batista	13/09/1944	Técnico Agrícola	Outubro de 1974
Batista	Não Consta	Camponês	30/04/1974
Idalisio Soares Aranha Filho	21/08/1947	Estudante de Psicologia	13/06/1972
Maria Lucia Petit Da Silva	20/03/1950	Professora	16/06/1972
João Carlos Haas Sobrinho	24/06/1941	Médico	30/09/1972
José De Oliveira	Não consta	Camponês	1972

Elaboração: Santos, 2020 - Fonte: BRASIL/Comissão Nacional da Verdade, 2014.

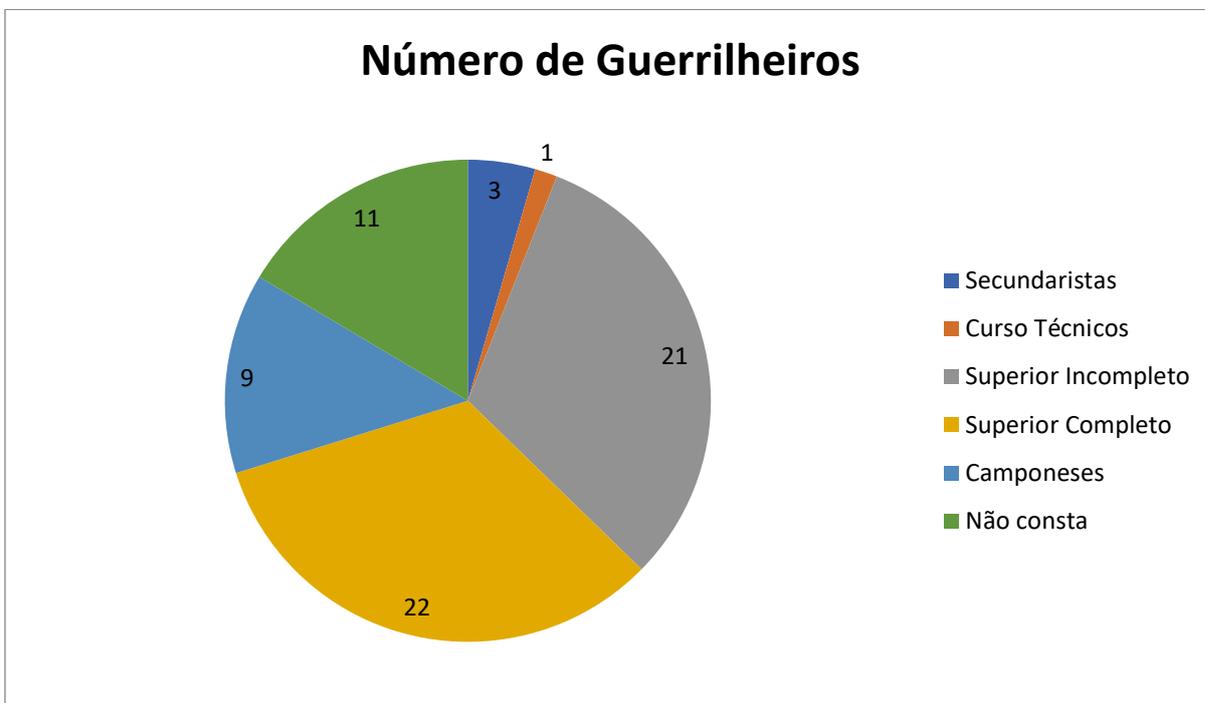
A maioria dos guerrilheiros e guerrilheiras eram jovens, tinham graduação ou estavam cursando graduação quando interromperam por conta da organização política que lhes custaram a clandestinidade. Como poderemos ver nos gráficos a seguir.

Gráfico 1



Elaboração Santos, 2020 – Fonte: COMISSÃO DA VERDADE, 2014

Gráfico 2



Elaboração, Santos 2020. – Fonte: COMISSÃO DA VERDADE, 2014

Jovens que já viam com objetividades em lutar contra o processo da Ditadura e isso se torna cada cada vez mais intenso durante o convívio com os moradores da vila e das localidades mais próximas ali eles conquistam a confiança e amizade das pessoas e percebem também o grande descaso contra aqueles que são vulneráveis, pois, a pobreza era grande, a saúde precária não há socorro medico. Os remédios são caros e o povo não pode compra-los E comum encontrar lavradores, castanheiros, madeireiros trabalhando dias seguidos de febre. (MOURA, 1985.p26)

Eram Guerrilheiros de orientação do partido Comunista do Brasil, em que tinha visão de um Brasil diferente do contexto que se passava naquele período dos anos 60. Indivíduos havia a preocupação em montar a guerrilha. Eram seres em que também se solidarizavam com a comunidade do Araguaia durante a convivência com comunidade e sempre ajudavam os moradores a partir das necessidades apresentadas seja na Educação, trabalho ou saúde que era precária e decadente, guerrilheiros que deram seu sangue por causa justa pensando sempre no ato de justiça e igualdade e libertação de um povo totalmente marginalizados e privado de seus próprios direitos e esquecidos vivendo e totalmente abandono pelas as autoridades governamentais. “Atividades de bem-estar que contribuiram muito para a aproximação e conquista da

comunidade, principalmente porque era uma região onde o serviço de saúde não existia e educação era extremamente precária. (OLIVEIRA, 2020, p. 116).

Com o objetivo de montar a guerrilha os guerrilheiros faziam o estudo do local, mas inicialmente sem deixar suspeitas de quem eles eram de fatos e sem demonstrar aos moradores o real objetivo de estarem ali, viviam em totalmente clandestinidade por esse motivo eram conhecidos pelo seus cód. nome pela comunidade Local , a população local não suspeitava daqueles indivíduos(guerrilheiros) se instalarem por ali.

Como sempre é exposto na história da Guerrilha do Araguaia, houve guerrilheiros que se destacaram se tornando lendários na memória desse confronto entre exército e militantes na região do Araguaia. o assunto é sobre a Guerrilha nomes como Dina ,Osvaldo, e Joao Carlos são sempre citados pelo reconhecimento de seus papeis neste fato.

A clandestinidade foi uma forma de resistência e sobrevivência durante o período ditatorial Brasileiro, pois aqueles que não apoiassem o os ditames do Governo eram considerados subversivos eram perseguidos, capturados e torturados e assassinados, foi um período de muitas prisões e assassinados de políticos, militante ,artistas , muitos para sobreviverem pedia exílio em outros países motivo que levou Dina, Osvaldo e João Carlos a viverem clandestinamente na região do Araguaia para que não fossem descoberto pelo exercito

Segundo a Secretaria Especial dos Direitos Humanos: “Osvaldo Orlando da Costa, o ‘Osvaldão’, foi o primeiro integrante do PC do B a se instalar na região, em 1966. Em 1968, já se compunha um grupo de 15 militantes. (PEIXOTO, 2011. P.480)

Osvaldo Orlando mito muito forte na região Araguaia revolucionário da guerrilha rural do Araguaia, homem muito inteligente e amigo, personagem incrível com sabedoria junto com seus companheiros buscava pôr o ideal a Revolução iniciando do campo estendendo ao resto do Brasil que se encontrava em um contexto de ditadura Civil Militar e autoritarismo presidencial, Homem negro características

físicas de quase dois metros de altura, forte, homem com uma grande bagagem de conhecimento, foi campeão de Boxe, estudou Engenharia em Praga na antiga Checoslováquia, foi o principal comandante da Guerrilha do Araguaia.

Antes do golpe civil militar em 1950, Osvaldo foi campeão de boxe no nível amador, na cidade do Rio de Janeiro, foi reserva do Exército Brasileiro logo após de cursar o Centro de Oficiais da Reserva, porém nunca chegou a servir as forças Armadas.

Osvaldo Orlando da Costa, chamado de "Osvaldão", foi o primeiro militante a chegar à região do Araguaia e era encarregado pelo comando central e líder um dos focos da Guerrilha. Destacou-se por suas habilidades físicas e por seu carisma, é considerado por muitos estudiosos e pesquisadores o líder mais popular da Guerrilha. (PETTA ,2017, p.13).

Osvaldo chegou em 1966 na região do Araguaia e por lá fez muitas amizades ele conhecia a floresta como ninguém pois ele trabalhava em várias funções como: garimpeiro, mariscador, Osvaldão se torna uma figura de destaque muito grande pois era um ser humano prestativo a comunidade.

Osvaldão assim como era chamado pela população local, era homem que era prestativo assim como seus companheiros ajudava na roça, na pesca, em tudo o que os moradores necessitam em questão de serviços Osvaldão estava à frente. Como Osvaldo conhecia a área muito bem. Era muito querido e respeitado pela população e também por seus companheiros de militância. Foi uma figura inconfundível com seus quis dois metros de altura. Tornou-se uma lenda local, por suas habilidades, capacidade de liderança e espírito meigo e afetuoso.

Final dos anos 60, início de 70, colocam em pratica a instalação da Guerrilha do Araguaia. Como conhecimento havia do local, era Osvaldão quem orientava o grupo guiava os novos integrantes(guerrilheiros). Nas terras do Araguaia, ele mapeava e encontrava regiões de mineração. Extraiu pedras preciosas que ajudavam a financiar os custos com a guerrilha. Militantes e moradores da região afirmam que Osvaldão foi o primeiro a explorar o local que mais tarde ficou conhecido como Serra Pelada.

Osvaldão se torna o líder da guerrilha pois passara a ensinar os comandos do convívio com a mata, auxilia no treinamento dos seus companheiros dentro da mata foi denominado como o guerrilheiro mais preparado e mais temido pelos homens do exército. Comandava o destacamento B, foi um dos últimos guerrilheiros a ser assassinado.

“Osvaldão” toma parte no primeiro enfrentamento armado entre Exército e os guerrilheiros em oito de maio de 1972. Neste combate, provavelmente, causa a primeira baixa fatal do conflito, ao abater com um tiro o cabo Odílio da Cruz Rosa. Como muito episódios, o tiroteio que matou o cabo Rosa gerou relatos imprecisos e contraditórios. A morte do Cabo Rosa teria despertado uma lenda em torno de “Osvaldão”. que passou a ser temido pelas tropas do Exército. (PETTA, 2017, p.40).

Oswaldo torna-se o guerrilheiro, mais corajoso e mais temido por homens do exército não somente por suas características físicas, e por sua coragem e um homem preparado e treinado para aquele tipo de ações guerrilheiras, capturá-lo seria questão de honra para o exército.

Durante a segunda campanha do Exército, recrutaram cerca de cinco mil soldados, mas não alcançou, mas sem conseguir o melhor resultado, mesmo com número maior de resultado a Força Aérea da Marinha continuaram mandando soldados para a mata, mas sem êxito pois não conhecia a mata como os guerrilheiros.

A terceira última campanha iniciou-se em outubro de 1973, exatamente um ano após o final da segunda campanha. Desta vez erros cometidos na campanha anterior serviram de base para construção de uma tática inteligente. (PETTA, 2017, p. 42).

Destacamento B liderado por Osvaldão recruta dois moradores locais, mas na terceira tentativa do Exército na derrubada da Guerrilha no plano de ficarem na região durante 60 dias se pendurou cerca de cinco meses até a derrubada total da Guerrilha do Araguaia.

A infiltração de agentes disfarçados entre os moradores locais para ganhar a confiança e descobrirem a relação dos moradores com os guerrilheiros, mas os camponeses nem imaginaria a reação do exército que queimaria casa, prenderia homens e os torturavam em busca de mais informações sobre os guerrilheiros.

Na terceira campanha alguns guerrilheiros se entregaram e desapareceram outros foram presos em emboscadas ou degolados, o grupo foi se tornando cada vez mais enfraquecido pois já havia a insuficiência de armamento e munição, não conseguia, Mas manter contato com a população local, pouco tempo de treinamento entre os militantes.

O líder Osvaldo já havia perdido seus companheiros e já se encontrava faminto, sem armas, isolado, maltrapilho, mas seu espírito de guerreiro fez com que Osvaldão não se entregasse ao exército, acreditava-se que jamais seria pego ou morto. mas infelizmente Osvaldo seria traído por um camponês local, Arlindo Piauí que entregaria Osvaldão as Forças Armadas.

Há várias versões em torno da morte acreditasse que Osvaldo foi assassinado nas mãos de Piauí ou teria sofrido fuzilamento após sua prisão e seu corpo foi mutilado e exposto pendurado no helicóptero sobre a região como forma de intimidar os moradores.

Morre o Líder, mas seu legado será sempre lembrado positivamente na história da guerrilha como homem lutou por um sonho de um país melhor e democrático igualitário a todos em busca de revulsão iniciando do campo lugar que viveu a margens do abandono assistencial ,lembrar de Osvaldão e conhecer sua historia e imaginar um Ser Humano de várias qualidades carismático ,prestativo ,sonhador pensando bem ao próximo .

Começamos, pois, a falar de uma mulher marcante na memória dos moradores do Araguaia ganhou destaque por sua valentia pois era destemida, lutou bravamente para sobreviver e ajudar seu companheiro de luta, mulher que fugia totalmente dos parâmetros da mulher tradicional digo o que se esperava de uma mulher era ser uma boa Dona de casa, cuidar dos filhos marido, lavar, passar entre outras funções.

Dina foi grande destaque no comando da Guerrilha juntamente com Oswaldão. Ambos se tornaram mitos com histórias verdadeiras e fantasiosas que se propagaram e perpetuaram entre as comunidades camponesas. Em entrevista de trabalho de campo com o mateiro P. L. que serviu de guia aos

militares e pediu para não ser identificado, ele afirma: “*Professor, Dina era valente demais. Foi treinada pela China* (OLIVEIRA, 2020, p. 114)

Havia a surpresa quando encontrava-se mulheres entre os participantes da Guerrilha do Araguaia, pensar em confrontar já vem átona a associação de força e coragem com a ligação de masculinidade, havia a presença de Dinalva Teixeira como exemplo de Empoderamento feminino na luta armada do Araguaia.

Mulheres de coragem como Crimeia e Dinalva tiveram sua relevância na história da guerrilha, não apenas politicamente, rompendo também a ideia preestabelecida que aquele lugar hostil rodeado por selvas não era lugar de mulher. Dinalva Conceição Oliveira Teixeira nasceu no dia 16 de maio de 1945 no sertão Baiano, município de Castros Alves seus pais Elza Conceição Bastos e Viriato Augusto, Dinalva atuava profissionalmente como Geóloga.

Mulher de origem humilde e com muito esforço e dedicação conseguiu ser aprovada e cursar na Universidade Federal da Bahia com formação em Geologia, sempre foi membro ativa do movimento estudantil, teve sua primeira prisão no qual conheceu seu futuro marido Antônio Carlos Monteiro Teixeira se casaram em 1969, mudaram para Rio de Janeiro onde atuavam com trabalhos sociais em grandes favelas e no ano de 1970 o casal faz sua nova morada na Região do Araguaia junto com demais integrantes do PC do B objetivados em organizar uma guerrilha rural na região.

Dina e seu companheiro juntasse com seus companheiros inicialmente conquistando amizades com os moradores da região do Araguaia, para não levantar suspeita nunca diziam a população o real motivo de estarem ali.

Todavia, apesar do esforço em se passar e se misturar com a população local, a aparência, modos e maneira de se expressar não condiziam com aquela população mais antiga já instalada no Araguaia. O “povo da mata” na linguagem dos nativos, não fazia sentido naquele ambiente, A “gente sabida” era aceita pela comunidade, mas não os enganava. (COSTA,2013, p06).

Apesar daquelas desconfianças considerava o “povo da mata” pessoa de boa índole, simples, e atenciosa com a população que viveu por muitos anos atendimento de saúde, educação esquecido e abandonados por parte do Governo,

então os Guerrilheiros estavam objetivados a montar a guerrilha e ao mesmo tempo ajudar a população local.

Dina fazia trabalhos de atendimentos a pessoas que necessitavam de cuidados de saúde, fazia trabalhos de partos, curativos, cuidava de pessoas com leishmaniose, malária e fazia distribuição de medicamentos básicos para a população sempre prestativa ajudava como podia se tornou Professora foi considerada por pessoas com quem conviveu como uma mulher inteligente, esforçada e de coragem sem igual, destemida encarava tudo que vinha em frente pois encarava o perigo de frente.

No documentário camponesa do Araguaia: Guerrilha vista por dentro ano 2011''.Zé da Onça comenta que a convivência dos guerrilheiros com os camponeses, era uma convivência saudável porque todo morador gostava dos guerrilheiros que na época chamava de os ''Paulistas'' eles tratavam das pessoas tinha muitos médicos eles tratavam até Lechio (Lechimaniose) tudo inteligente abaixo de Deus era os guerrilheiros que curavam as pessoas, não tinha medico, aonde íamos achar médicos?

Realização de partos, distribuição de remédios e extração de dente foram ações que ficaram marcados nas vidas das pessoas atendidas pelos ''Paulistas'' numa região de profunda carência de serviços públicos de saúde. Outra área de atuação das militantes revolucionarias da Guerrilha do Araguaia foi na educação, atuando como professoras de fundamental e de alfabetização dos camponeses, eram mulheres admiradas pela população local, tidas como'' mulheres sabidas. (OLIVEIRA,2020, p117).

Dina abre um pequeno comercio na localidade e começa a comprar produtos alimentícios produzidos pelos moradores locais e assim na intenção de um ajuda o outro e relação compra e venda na própria localidade e intencionalmente ganhando mais confiança dos camponeses com o ''Paulistas'' e ganhando assim, mas aliados a desconfiança por ali só diminuía camponeses passam ajudavam os paulistas adentrar a matar, a pescar, caçar a tratar animais encontrados na mata ,como se desloca na mata sem se perder.

Ainda sobre a aprendizagem cotidiana da vivencia na sela, Dina e companheiros, com idade média inferior a 30 anos, no auge do vigor físico,

estocavam alimentos, munição e remédios em pontos espaços na mata e faziam treinamento militar, acostumando-se á vida na selva. Aprendendo a fazer fogo e caminhar a duzentos metros em mata fechada sem se perder no caminho de volta. O treinamento constante fazia com que alguns já fossem capazes de sobreviver sozinhos na mata levando consigo apenas armas, munição, sal e farinha. As ocupações exercidas por Dina, bem distantes de sua profissão, a possibilitavam a penetrar no cotidiano dos moradores da região conhece-los e fazer-se conhecida para, com eficiência cumprir sua missão política. Outra atividade do cotidiano grupo era percorrer, em visita, as casas dos moradores, nessa ocasião compravam arroz, sem dúvidas uma forma de ajudar na comercialização de artigos agrícolas produzidos pelos moradores da região, e ao mesmo tempo distribuía manifesto de PC do B no qual apontava promessas de que após a derrocada do regime militar seriam instalados na mata Escola e Hospitais. (COSTA,2013, pag5,6).

A guerrilha se organizava em três destacamento que consistia em casa que viveria cerca de 17 guerrilheiros em diversos espaços geográfico (povoados) A, B, C, Dinalva e seu marido integrava o destacamento C no comando logo depois mudou-se para o destacamento B por sua bravura e coragem determinação se tornou liderança no destacamento tornado subcomandante do destacamento a única mulher a ocupar esse posto.

Dina muito corajosa nunca teve medo do perigo uma baiana com espírito de luta e a identidade guerrilheira se torna cada vez mais visível, alguns camponeses já começam a ter certeza do que os “Paulistas” estarem ali.

Homens do Exército começa a chegar na região do Araguaia os moradores assustados nem imaginaria que sua região se tornaria alvo de confrontos violentos, prisões e morte, de inicio o exercito pouco conhecia da região e principalmente se deslocar na mata coisa que os guerrilheiros sabia melhor digamos que o exército tinha consigo os melhores armamentos mais os guerrilheiros teria as melhores estratégias como se manter na mata e sobrevivência, conhecia a mata como os nativos da região.

Além de instituírem o terror, as forças armadas tiveram dificuldades no enfrentamento com o pretense inimigo, não somente por desconhecerem os segredos da mata virgem da Amazônia e pelo efetivo conhecimento da mata pelos “paulistas” mas também pela desconfiança dos moradores da área, em ajuda-las, dentre outras. (COSTA,2013, p.10).

A primeira tentativa do exercito foi sem sucesso pois o desconhecimento e o despreparo levaria sua primeira tentativa a ruínas ,meses depois voltaria novamente em uma nova tentativa mas estaria mas informados e fariam camponeses locais alvos

de suas busca eram torturados ,presos e muitos obrigados a falarem o que era de seu conhecimento sobre o guerrilheiros pois ameaças era constantes, famílias inteiras era obrigada a saírem de casa pois o exercito colocaria fogo suas casa e suas plantações geralmente família perderam tudo o que tinha.

Nesse novo ataque, os ´paulistas´ ´continuavam nômades no meio das matas, evitando deslocamento por estradas ou picadas. vagavam pela mata e nas horas mortais da noite palmilhavam rumo ao demais destacamentos em busca de alimentos e de notícias dos companheiros. E, nesse percurso, muitos deles foram acometidos de doenças, como: malária, hepatite, leishmaniose, dentre outras. Mas o governo totalitário não se contentava só com o isolamento que vivia aqueles homens e mulheres. (COSTA, 2013. P.11).

Dina com muita esperteza e inteligência consegue sempre fugir das garras do exército infelizmente perderia muito de seus companheiros lutas alguns acometidos por doenças graves e outros assassinados em emboscadas dos exércitos na mata, outros presos e torturados e mortos e muito deles amigos de convívio no destacamento C que Dina comandava.

No Araguaia chega novos homens do exército, mas dessa vez homens barbudos com características comuns da região para que pudessem passar despercebidos e se infiltrar no meio dos ´Paulistas´

Em véspera de Natal aconteceria o maior combate da história do Araguaia no ano de 1973 na noite de 24 a 25 de Dezembro guerrilheiros são atacados sobrevivem somente cerca de 10 guerrilheiros dentre eles a destemida Dina que já estava com ferimentos pelo corpo causadas por espinhos e arbustos que adquiria durante o deslocamento pela mata e enfraquecida fisicamente pela malária consegue fugir com dois companheiros Tuca e Luiza Garlipe.

Em sua fuga fogem para beira do rio onde encontraram um camponês com um barco havia pouco dinheiro para comprar o barco então lhes ofereceram como mulher, mas sua troca foi rejeitada pelo camponês pois elas estavam fisicamente debilitadas de ferimentos com leishmaniose aumentando a desconfiança do camponês sobre aqueles indivíduos entregando-lhes ao exército.

Dina e seus companheiros vou encaminhados a Casa Azul em Marabá-Para onde permaneceram pode duas noites foram torturas e interrogadas, sempre com orgulho nos olhos Dina sempre afirmava que jamais entregaria seus companheiros, apesar de sofrer várias torturas elas se mantiveram em seu posicionamento de liderança e proteção.

Sua garra em defesa de um sonho coletivo fora explicitada até mesmo nos minutos que antecederam seu fuzilamento, como mostra o dialogo que manteve com seu algoz, Ivan:  
“ Vocês vão me matar agora?  
“Não, mais na frente um pouco”.  
“vou morrer agora? Perguntou Dina novamente.  
“Eu quero morrer de frente”, pediu.  
“Então vira para cá”.  
(COSTA, 2013. P.12,13).

Morre ali Dina com tiro de calibre 45 que acertaria seu peito e mataria a mulher que muito beneficiou a região do Araguaia, tornou-se querida pela população sua história e viva na lembrança daqueles moradores e sua imagem e a semelham de uma Borboleta. Uma borboleta por sua agilidade e sagacidade em se desviar do caminho e vira borboleta, tornava-se humanamente aos tiranos militares. Sua história e trajetória durante a guerrilha e importante e representa ainda a voz de e memória coletiva da Guerrilha do Araguaia.

### **3. A DITADURA NO CAMINHO DE UM JOVEM VIAJANTE: A HISTÓRIA VIVA DE A. MACEDO**

A Guerrilha do Araguaia teve impacto em todo o Bico de Papagaio e Tocantinópolis não foi diferente. Houve operações realizadas em Porto Franco e Tocantinópolis em busca de militantes de esquerda e pessoas consideradas “subversivos” ao sistema. A história que será relatada é de mais uma vítima.

A. Macedo reside no município de Tocantinópolis, é um senhor simples que carrega em sua história muita dor e marcas físicas que infelizmente são decorrentes de ser ele mais uma vítima da perseguição durante a guerrilha do Araguaia. No decorrer da entrevista observa-se que o assunto ainda o amedronta pois perdeu seu pai tragicamente pelo sistema de opressão e hoje relata essa história com muita dor.

Durante o ocorrido deste fato A. Macedo já residia no município de Tocantinópolis, cidade que fica situada no Norte do Estado do Tocantins região do Bico do Papagaio e denominada por esse nome pois o formato no mapa Brasileiro o estado do Tocantins tem um desenho semelhante de um bico de papagaio.

A região conhecida como do Bico do Papagaio deve ser compreendida não apenas pelo espaço geográfico entre os rios do baixo Araguaia e do Tocantins, mas por uma vasta região deste entorno, também conhecida como Amazônia Oriental, Área correspondente ao norte do Tocantins, sul do Pará e oeste do Maranhão, ali forma-se uma figura que, vista nos mapas se assemelha no Bico de um Papagaio. (PETTA, 2017, p. 23).

Bico do Papagaio, região que delimita Norte de Tocantins, Sul do Pará e Oeste do Maranhão região em que consiste em grandes terras e riquezas naturais onde a população vivia da Natureza no que quero dizer viviam de plantação, criação de animais (gado, porco, galinha).

E no Município de Tocantinópolis a economia não era nenhum pouco diferente. Muitos por aqui viviam da pesca ,revendiam o que plantavam em suas roças , as mulheres ganhava seu sustento no trabalho de lavadeira no qual a maioria descia para Beira Rio de Tocantinópolis para um local chamado ‘pedral’ lugar que ainda e formado por muitas pedras grandes fora e dentro do rio ,por esse motivo a pouca procura pelo banhista pela aquela localidade tornando aquele lugar o local preferido das lavadeiras por ser de agua mais limpa pelo fato de ter poucos ,frequentadores. Aa

mulheres lavavam roupas para grandes famílias importantes de Tocantinópolis em busca de complemento de renda .

Homens e mulheres trabalhavam colhendo coco Babaçu, fruto muito comum nessa região ,Muitos deles iam em busca fruto para revender .A Empresa Tobasa é a empresa mais antiga do município. Ela trouxe empregos para os moradores que trabalham na mesma extraíndo o óleo do coco babaçu e utiliza para varias funções e revendendo para outros Estados .

A. Macedo e seu pai trabalhavam com revenda de farinha, castanhas que ele buscavam no estado do Pará pois no Estado havia grande produção, seu pai viajava sempre por aquelas regiões em busca de novidades para no qual traziam para ser comercializadas município de Tocantinópolis a busca por seus produtos era constante , então ele e seu pai passaram a irem naquelas regiões de Marabá e cidades vizinha constantemente .

Por aqui os meios midiáticos eram quase escassos, poucas informações que sabiam era através do aparelho de Rádio que era bastante comum nas residências dos Tocantinópolis pois era também o aparelho mais acessível em questões de adquirir o equipamento de Televisão era questão de luxo nesse período, poucos tinha condições de comprar.

Quando a população tomou consciência sobre a ditadura civil Militar se imagina que ficariam somente nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro pois era regiões que acreditavam se que havia mais grupos, movimentos contraditórios ao autoritarismo presidencial e os atos violentos impostos pela perversa Ditadura Militar.

Quando a população ficou sabendo da Guerrilha do Araguaia nem imagina que o município de Tocantinópolis se tornaria alvo da perseguição dos militares do Exército, ficariam sabendo logo depois das prisões que ocorreram na cidade de Imperatriz Maranhão e principalmente da suspeita da participação do médico que atendia a cidade vizinha de Porto Franco-Maranhão no qual foi embora repentinamente durante esse período.

Por aqui começava a perseguição Ozorio morador de Tocantinópolis foi preso e torturado pois acreditavam se que ele era um suspeito de participação na guerrilha pois ele era uma pessoa que era vista constantemente na igreja prestava serviços ao

Padre que não compactava com a instalação da Ditadura Militar no Brasil então eram consideradas sujeitos subversivos, Ozorio sobreviveu as torturas e foi anistiado .

Em entrevista com A. Macedo ele expõe sua memória que ocorreu em sua vida durante a guerrilha do Araguaia e fatos que ocorreram no município de Tocantinópolis antigo estado de Goiás, Antônio Macedo estava no início de sua juventude quando ocorreu sua prisão e de seu pai durante as operações na região cidade de Marabá -Para.

“Quando fui pego com meu pai eu era ainda rapazola digo tinha de 18 para 19 anos de idade e lá não tinha distinção de mulher e homem, eles pegavam quem eles achavam que era suspeitos” A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020)

A. Macedo é um Homem que viveu durante a Guerrilha recordações desse período vem sempre átona em suas lembranças, histórias que muitos moradores atuais do município de Tocantinópolis não têm conhecimento que por aqui foi centro de investigação do exército para a descoberta da guerrilha do Araguaia e os moradores mais antigos que viveu nesse período drástico ficam com receio comentar quando o assunto e Guerrilha do Araguaia.

Não é muito difícil imaginar que muitos moradores por aqui viveram com extremamente medo durante esse período pois no início desse processo de Ditadura Militar e implantação da guerrilha na Região do Bico do Papagaio muitos pensava em algo distante pois só ouviam as poucas notícias.

O exército fez várias operações na época inclusive aqui foi preso muita gente não sei se era do seu conhecimento as pessoas daqui de Tocantinópolis, eu só sei do caso mesmo próximo era do Epaminondas.  
A. Macedo – Entrevista em 25/06/2020).

Por aqui nem se imaginava que o exército já estava instalado, alguns homens vinham e ficavam mais sem levantar nenhuma suspeitas, estavam aqui para investigar, a sociedade tocantinopolina não desconfiava o mínimo que sabiam era sobre a prisão a Prisão de Epaminondas que viveu durante sua vida no município de Porto Franco Sul do Maranhão cidade vizinha cortada pelo Rio Tocantins.

O que levava a infiltração de homens do exército por aqui eras as reuniões organizadas por Homens moradores de Tocantinópolis, os mesmos organizavam

encontro próximo a beiras de rios em períodos noturnos para não levantar nenhuma suspeita e nem desconfianças dos moradores ali eles criavam estratégias de colaborarem com a guerrilha do Araguaia.

Ficou aqui dois meses, aqui tinha o povo do exército disfarçado uns vendendo quebra queixo outros pasteis ai eles ia entrosando escutando conversas vai descobrindo ,ai depois chegou um médico para cá e ele era oficial do exército esse foi o cara que descobriu os cara tudinho das reuniões Raimundo Guimaraes, Pedro Moraes Lino Barbeiro ,Adercinho ,Beto da Horta tinha mais gente e porque não estou lembrado .  
(A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020)

Com informações que os homens do exército que estavam infiltrados aqui e com a chegada do médico foi recolhida muitas informações para que fossem descobertas as reuniões, A prisão dos indivíduos que participavam e comandava as reuniões ocorreu ali próximo a Ceorta, diante das informações saiu um caminhão com muitos homens presos e iam todos acorrentados com cadeados

Preso... Quem mais? o Aderci Fofquinha, não sei se tu conhece ele mora bem ali da praça descendo pro rumo da feira. Uma casinha que tem um pedacinho que é um andazinho aquele velhinho ali mesmo por que tinha o pessoal que era contra o sistema na época era considerado subversível. Eles faziam reuniões escondidos mais existia uma investigação profunda do exército e que era atrás de quem era contra o sistema eles foram presos essa foi uma operação chamada operação mesopotâmica que envolveu o sul do maranhão norte de Goiás, na época; ++++Para sul do Pará. (A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020)

A Operação Mesopotâmia foi a reação emergente do Governo Militar em tentativa para derrocada da Guerrilha do Araguaia no qual resultaram em várias prisões, afligindo a população das cidades de Tocantinópolis e Porto Franco que pessoas importantes para a população foram presas, torturadas e assassinadas. O caso mais conhecido foi de Epaminondas Gomes de Oliveira.

A Operação Mesopotâmia serviu como experiência, em termos operacionais e de doutrina militar, para incursões posteriores na região do Araguaia. Os agentes percorreram a área, aportando em cidades como Imperatriz, Lagoa Verde, Porto Franco, Tocantinópolis, Araguatins, Trombas e Buritis. Dezenas de militantes e simpatizantes (a maioria camponeses) foram presos. Epaminondas Gomes de Oliveira, militante do PRT, foi preso em sua casa, em Tocantinópolis, torturado e morto sob a tutela do Exército brasileiro em Brasília. (COMISSÃO DA VERDADE, 2014)

Em consequência das ações realizadas, foram efetuadas 32 prisões de elementos subversivos ou suspeitos. Após interrogatório a que foram submetidos e consequente triagem, foram transportados para Brasília os seguintes elementos:

Antônio Gonçalves Guimarães conhecido “Antônio Aviador” – PRT – Tocantinópolis (GO); Linduarte Machado Moura conhecido como “Lino”-PRT -Tocantinópolis (GO); Bartolomeu Cassimiro de Albuquerque – “Beto”-PRT -Tocantinópolis ; Inácio Pereira de Macedo -conhecido como “Pescador” -PRT-Tocantinópolis (GO); Bartolomeu Cassimiro de Albuquerque conhecido como “Beto”-PRT -Tocantinópolis (GO); José Pereira da Silva conhecido como “Zé Alecrim” -PRT-Tocantinópolis (GO); João Nunes Guimarães conhecido como “João Ferreira” -PRT-Tocantinópolis-Pedro Morais Milhomem conhecido como “Ambrozio”-PRT-Tocantinópolis ; Epaminondas Gomes de Oliveira conhecido como “Epaminondas” -PRT-Porto Franco (GO) (COMISSÃO DA VERDADE, 2014)

Segundo o entrevistado A. Macedo afirma que aqui em Tocantinópolis existiu um mateiro e ele apanhou muito quando ele foi pego pelo os homens do exército e o mesmo serviu de testemunha em uma transação de terra de uma pessoa que estava dentro da Guerrilha, os homens do exército pegaram o papel com a assinatura do guerrilheiro dentro do bolso dele e se deslocaram até o barraco do mateiro para assassiná-lo, mas no momento, o general chegou e falou que não era necessário matá-lo, pois ele conhecia o indivíduo. O homem conhecido pela população de Tocantinópolis. Houve também o senhor Osorio foi preso.

Ozorio, a anistia o pagou 25600 mil reais em pouco tempo. Ele foi pego em Araguaína e na beira do rio Araguaia o Ozorio era seminarista do Rio de Janeiro, naquele tempo até os padres foram perseguidos na época, ai viu a ligação dele com o bispo que era ferreamente contra a ditadura ai pegaram a ligação de Ozorio com o bispo ai pegaram ele e torturam. (A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020)

Tocantinópolis serviu como base de apoio aos militares, existia o campo de pouso para que os aviões das Forças Armadas pudessem fazer seu pouso com tranquilidade aqui no município este campo ficava localizado na rua que atualmente e chamada de Rua do Fórum e tinha termino próximo a atua Rodoviária de Tocantinópolis.

Ali na rua do Fórum era campo de pouso dos aviões da Força Aérea, lembro que eles colocavam bombas nas asas dos aviões saiam 6 a 7 aviões e iam para o rumo de Marabá e Xambioá e jogava as bombas lá nos acampamentos dos guerrilheiros e eles tinha informações geográficas de latitude e longitude, norte, nordeste ai só iam e soltava aquelas bombas incendiarias. (A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020)

A população aqui do município começara a ficar todos assombrados com esse movimento todo no município pois todos acontecimentos era real via tudo passar em sua frente e não por meio de noticiário de rádio, foram prisões, perseguições e aviões saindo a todo momento com bombas em suas asas então um contexto nada familiar para uma população que viviam e paz de uma cidade de interior.

Pois esse movimento cercou o município de Tocantinópolis e regiões vizinha e a ceorta localidade que fica dentro município de Tocantinópolis serviria de campo de concentração militar e ponto de prisão e tortura.

Essas duras marcas em que é traçada na história do município de Tocantinópolis em pouco a pouco pesquisadores encontram meio de conhecê-la pois as cicatrizes deixadas totalmente negativas de um povo que desconhecia de tudo aquilo que se passava debaixo de seus olhos muitos anciões andam temem só de pensar nesse assunto.

### **3.1 Prisão de A. Macedo**

A. Macedo com dezoito anos de idade estranhava todo aquele movimento na Localidade em que residia com sua família município de Tocantinópolis em entrevista Antônio viu varia prisões próxima a sua casa cita a prisão de seu vizinho Alziro Gomes e em um dia próximo a sua casa o exército fez a prisão de uma certa moça que foi pega por homens do exercito pois ela havia fugido de Cidade de Rio de Janeiro para Tocantinópolis, mas infelizmente foi presa aqui.

Antônio Macedo ajudava seu pai na revenda de produtos (alimentos) e seu pai trabalhava em construção de estradas, quando não tinha trabalho iam em busca de alimentos em outras regiões para fazer estoque e revende em Tocantinópolis.

Meu pai mexia com construção de estradas quando não tinha obra pra tocar a gente vendia café e comprava cereal arroz, babaçu estocava aqui pra vender depois justamente nessa época que já tinha construído trans amazônica. (A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020).

Antônio e seu pai se deslocavam sempre as regiões de Marabá, Araguatins em busca de produtos e nessas viagens encontrava sempre Osvaldão ele sempre se

hospedava em hotel conhecido de Araguatins de um senhor Polonês chamado Bornerlau. Quando o hotel estava lotado Osvaldão se hospedava sempre na pensão que seu Antônio e seu pai se hospedavam sempre com esses encontros se tornaram-se amigos, mas não imaginaria que Osvaldão era um dos comandantes da guerrilha.

agente nem imaginava que ele mexia com negócio de guerrilha e agente estava nem aí para sistema pois era muito isolado não tinha comunicação só tinha radio não tinha nada a gente sabia de pouca coisa, então a gente não sabia dessa efervescência, nem sabia de comunismo. (A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020)

Em entrevista Antônio Macedo recorda que Osvaldão era homem fora de qualquer suspeita pois era muito simpático e carismático e fisicamente um homem de grande estatura esse era um dos motivos de Osvaldo andava sempre com sapatos em uma espécie de bolsa pois seu pé era grande ele havia dificuldade em encontrar sapatos em loja e sempre tinha que mandar fazer sob encomenda.

Em uma ultima viagem de A. Macedo e seu pai na região de Araguatins para mais uma de suas compras para revenda, infelizmente foi no período da operação marajoara na qual eles e mais quatro passageiros e quem estava na beira do Rio foram barrados por homens do exercito e foram encaminhados a uma base chamada de “Bacaba” situada próxima a cidade de Marabá-Para

Certo que levaram a gente para uma base chamada bacaba perto de marabá e meu amigo lá agente viu confusão feia lá fomos afogados colocava agente em tambor de água, metia nossa cabeça dentro de água e diziam sempre “fala tudo que vocês sabem?” logo o que vocês são dos osvaldão?” e agente respondia que ele era somente um conhecido. (A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020)

Havia uma espécie de buraco muito fundo e uma prancha espécie de prancha em cima do buraco os prisioneiros havia de caminhar de um lado para outro se olhassem para cima cairia no buraco “todo tempo eles falavam se olhar para cima morre” (A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020)). Havia formas de tortura melava os de mel e deixava amarrados próximos a formigueiros.

A. Macedo e seu pai foram covardemente torturados quando os Homens do exército acharam na bolsa de seu pai uma nota promissória com a assinatura de Osvaldão no qual pegou empréstimo em dinheiro com pai de A. Macedo.

o pior, meu pai emprestava dinheiro para o Osvaldão ai eles pegaram uma nota promissória dentro da bolsa do meu pai eu tenho uma cavada E de pistola que me deram foi tão forte que ficou só o osso branco e me liberaram e meu pai ficou lá e eu eles falava “ esse moleque não sabe de porra nenhuma eu lembro meu pai falou para mim pegar o caminhão e tocar para a casa e ai foi um carro do exército um jipe me deixar ai atravessei a balsa e vim mim embora e isso ninguém nunca contou por aqui e teve gente que ficou com muito medo com essas histórias  
(A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020).

Pai de A. Macedo foi morto, não na base militar de bacaba, infelizmente o triste fato ocorreu no município de Paragominas na operação marajoara seu pai estava tocando uma obra no qual ele já foi assassinado por mateiro do exército, acreditasse que eles não se conheceram que Osvaldão era somente conhecido da Antônio seu pai. “*Meu pai trabalhava com obras e obra dá muito dinheiro ai eles achava que meu pai trabalhava com aquilo para abastecer a guerrilha e gente daqui que fez a fritagem todinha*”. (A. MACEDO – Entrevista em 25/06/2020).

#### 4. Considerações Finais

Diante desta pesquisa considero de grande importância conhecer história da Guerrilha do no contexto da Ditadura Militar, pois ouvir relatos de um sobrevivente da guerrilha do Araguaia me trouxe a capacidade de compreender sobre a historicidade de fatos ocorrido no município de Tocantinópolis -Tocantins em que maior parte dos jovens desconhecem deste grande fato que serviria de muitas pesquisas

Ao escrever este trabalho sentir várias mistos de emoções em cada leitura bibliografia me sentia na pele daqueles guerrilheiros me emocionei, chorei, assustei-me foi muito com cada conteúdos lidos sofrimentos para aqueles que deseja um Revolução em busca de Democracia, orgulho-me de ter personagem feminina Dina como uma grande Representante Feminina da Guerrilha mulher corajosa, desinibida sua história foi muito importante para a Região do Araguaia.

Conhecer a História de Osvaldo e como adentrar historicamente a biografia de um líder e especialmente brasileiro em que com sua coragem buscar iniciar a dar inicio a guerrilha do Araguaia, se tornou um homem temido pelos militares pelo seu conhecimento e coragem e com elas conseguiria sobreviver as três tentativas de derrocadas do exercito contra a guerrilha, podes assassinado por traição, se tornou mito na região.

Foi um Trabalho em que me enriqueceu de conhecimento sinto me realizada pois conheci um sobrevivente da guerrilha do Araguaia em que sua história e desconhecida pela a População do Município de Tocantinópolis, cidade no qual serviria de base militar no período Ditatorial.

## Referencias

CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. *Guerrilha do Araguaia, a esquerda em armas*. São Paulo: Editora Anita/FMG, 2012.

\_\_\_\_\_. **Araguaia: depois da guerrilha, uma outra guerra**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia. Instituto de Estudos Socioambientais da UFG. Goiânia: UFG, 2013.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório Volume 1**. Ministério da Justiça – Secretaria de Direitos Humanos. Brasília: Ministério da Justiça, 2014.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório Volume 3**. Ministério da Justiça – Secretaria de Direitos Humanos. Brasília: Ministério da Justiça, 2014.

COSTA, Cléria Botêlho da. **Dina, uma Guerrilheira na Ditadora. Brasil, 1970 – 1975**. In Naveg@mérica. 2013, n. 11.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação**/Paulo GiraldeLLi jr... -São Paulo: Cortez, 2001-2.ed.rev. -(coleção magistério. 2º grau.Serie formação do professor)

MOURA, Clovis. **Diário da Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Alfa-omega, 1985. 3º ed. Serie 1º. – Volume 10.

RIDENTI, Marcelo. **As oposições à ditadura: resistência e integração**. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; Reis, Daniel Aarão; Ridenti, Marcelo; (org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014 [no prelo].

OLIVEIRA, Ubiratan Francisco de. *Cartografias Ontológicas de Educadoras do Campo da Região do Bico do Papagaio. O desvelar do Ser-Estar da mulher na formação docente em Educação do Campo*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia. Instituto de Estudos Socioambientais da UFG. Goiânia, UFG, 2020.

PETTA, Renata Lemos. *A Memória dos Moradores do Araguaia sobre “Osvaldão”: liderança, luta e resistência*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Mudança Social e Participação. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. São Paulo: USP, 2017.

Rosenthal, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: Gestalt e estrutura de auto apresentações biográficas /Gabriele Rosenthal; traduzido do alemão por Tomas da Costa-Porto Alegre:EDIPUCRS,2017.295 P.

In: MOTTA ,Rodrigo Patto Sá; Reis ,Daniel Aarão; Ridenti, Marcelo;(org.).A ditadura que mudou o Brasil:50 anos do golpe de 1964.Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2014[no prelo]